REFLEXÃO

ORIGINAL

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
28 jan. 2026

Versão Final
28 maio 2026

Aprovado
18 jun. 2026

A hermenêutica da escuta como caminho pastoral: silêncio, fragmento e alteridade na tradição cristã

The hermeneutics of listening as a pastoral path: silence, fragment, and alterity in the Christian tradition

René Armand **Dentz Júnior**[1]

[1] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa, Departamento de Filosofia. Belo Horizonte, MG, Brasil. *E-mail*: <renedentz@gmail.com>.

Como citar este artigo: Dentz Júnior, R. A. A hermenêutica da escuta como caminho pastoral: silêncio, fragmento e alteridade na tradição cristã. *Reflexão*, v. 51, e2618307, 2026. https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e18307.

Resumo

Este artigo propõe uma hermenêutica teológica centrada na pastoral da escuta, entendida como espaço de manifestação do mistério divino e de acolhimento da vulnerabilidade humana. Partindo da dinâmica bíblica da presença e da retirada de Deus, o texto examina o papel do silêncio, do fragmento e da fragilidade como lugares teológicos privilegiados. Argumenta-se que a pastoral, para ser significativa na contemporaneidade, deve renunciar ao controle do sentido e adotar uma escuta qualificada, capaz de sustentar o não-dito e de acompanhar narrativas marcadas por rupturas. Em diálogo com a fenomenologia, a mística cristã e a ética da alteridade, defende-se que a escuta é um gesto espiritual e ético que possibilita à pessoa reencontrar sua própria palavra e, nela, a discreta presença de Deus. Assim, a pastoral da escuta revela-se como prática de cuidado, discernimento e hospitalidade, reconfigurando a relação entre teologia e existência na vida concreta das comunidades de fé.

Palavras-chave: Alteridade. Cuidado pastoral. Hermenêutica teológica. Pastoral da escuta. Silêncio. Vulnerabilidade.

Abstract

This article proposes a theological hermeneutics grounded in the pastoral practice of attentive listening, understood as both a site of divine manifestation and a space for welcoming human vulnerability. Drawing from the biblical dynamic of God's presence and withdrawal, the text examines silence, fragmentation, and fragility as privileged theological loci. It argues that, in order to remain meaningful within contemporary culture-marked by noise, acceleration, and discursive rigidity-pastoral theology must relinquish control over meaning and cultivate a form of qualified listening capable of holding the unsaid and accompanying narratives marked by rupture. Engaging phenomenology, Christian mysticism, and the ethics of alterity, the article maintains that listening constitutes a spiritual and ethical gesture through which individuals may recover their own voice and, within it, perceive the discreet presence of God. Pastoral listening thus emerges as a practice of care, discernment, and hospitality, reshaping the relationship between theology and lived experience within communities of faith.

Keywords: *Alterity. Pastoral care. Theological hermeneutics. Pastoral listening. Silence. Vulnerability.*

CC BY

Introdução

A pastoral contemporânea enfrenta um desafio que não é apenas teológico, mas antropológico: como anunciar o Evangelho em um mundo marcado pelo excesso de discursos e pela pobreza de escuta? A tradição cristã sempre reconheceu que Deus não se manifesta apenas por meio da palavra, mas também por meio da retirada, da ausência e do silêncio. Essa dinâmica já aparece na própria estrutura bíblica, na qual a revelação não é imposição, mas convite; não é saturação, mas espaço aberto para o encontro. Como afirma o texto, "a fé cristã em*erge* no intervalo entre nomear e não poder nomear".

Nesse cenário, torna-se urgente recuperar uma hermenêutica teológica que não apenas interpreta textos, mas acompanha vidas. A pastoral da escuta, conforme desenvolvida neste artigo, nasce do reconhecimento de que o sofrimento humano não se entrega à força, e que a palavra que cura é aquela que soube esperar. O silêncio, o fragmento e a vulnerabilidade – categorias centrais deste estudo –, não constituem deficiências do humano, mas lugares teológicos nos quais o mistério se oferece de modo mais discreto e mais verdadeiro. Interpretar, aqui, não é dominar o sentido, mas acolher o que excede a compreensão e interpela eticamente.

Mais do que método, trata-se de uma postura espiritual e pastoral: reconhecer que cada pessoa carrega uma história ferida cuja verdade não se revela de imediato. Nesse sentido, escutar torna-se ato teológico, forma de cuidado e exercício de responsabilidade diante do rosto do outro. A hermenêutica da escuta apresentada ao longo do texto propõe justamente essa passagem: da teologia como explicação para a teologia como presença; da interpretação como apropriação para a interpretação como hospitalidade.

Essa compreensão exige também ampliar o próprio conceito de pastoral. A pastoral não pode ser reduzida à ação individual do pastor, do conselheiro ou do acompanhante espiritual. À luz do Concílio Vaticano II, especialmente da eclesiologia de *Lumen Gentium* e da abertura dialogal de *Gaudium et Spes*, a pastoral deve ser compreendida como práxis comunitária do Povo de Deus em sua responsabilidade compartilhada de escuta, cuidado e discernimento da experiência humana. Nesse horizonte, a escuta não pertence apenas ao ministério ordenado, mas constitui uma vocação eclesial mais ampla, na qual a comunidade cristã é chamada a tornar-se espaço de hospitalidade, acolhimento e acompanhamento das fragilidades humanas. Como recorda Brighenti (2006, p. 23), "a pastoral é a própria ação evangelizadora da Igreja inserida na história", não se reduzindo à aplicação prática de conteúdos doutrinais, mas constituindo uma forma concreta de presença e discernimento diante das dores, esperanças e desafios do mundo contemporâneo.

A hermenêutica da escuta proposta neste artigo não se limita ao aconselhamento pastoral individual nem às práticas institucionais de acompanhamento espiritual. Trata-se de uma vocação comunitária de hospitalidade, na qual a própria comunidade cristã é chamada a tornar-se espaço de acolhimento da fragilidade humana, do sofrimento e das narrativas interrompidas. Escutar, nesse sentido, não é apenas uma técnica de cuidado, mas uma forma eclesial de presença. A comunidade de fé torna-se, assim, lugar hermenêutico onde o sujeito pode existir sem ser imediatamente julgado, corrigido ou reduzido a categorias morais e doutrinais. A pastoral da escuta assume, portanto, uma dimensão ética, espiritual e comunitária: ela expressa o modo como a Igreja participa concretamente das vulnerabilidades humanas e testemunha, no interior da história, uma presença marcada pela compaixão, pela paciência e pela hospitalidade.

A ausência como lugar teológico

Ao longo da tradição bíblica, a revelação divina nunca é apenas presença: é também retirada. A manifestação de Deus é sempre dialógica, marcada por luz e sombra, palavra e silêncio. No Sinai, por exemplo, a teofania não se encerra no estrondo, mas se desloca para o silêncio que o segue, como se o próprio excesso de presença exigisse recolhimento. Como observa Brueggemann (2015, p. 42), "a voz de Deus não se impõe, ela convoca; e o silêncio que a envolve é parte constitutiva de sua comunicação".

A própria tradição mística hebraica percebeu que Deus não só fala: Ele também se oculta. O Nome impronunciável – o Tetragrama –, é a forma simbólica dessa retirada. Ao recusar-se a ser dito plenamente, Deus se preserva como mistério e impede que sua identidade seja capturada pela manipulação humana. Scholem (1995, p. 89) lembra que o Nome divino é, simultaneamente, "presença ardente e reserva absoluta".

Da mesma forma, o episódio de 1*Rs* 19 (Bíblia de Jerusalém, 2002) apresenta Elias descobrindo que Deus não está no terremoto nem no fogo, mas no "murmúrio suave", ou, como prefere a tradução literal, na "voz de um fino silêncio". Lacoste (2004, p. 112) interpreta esse gesto como uma purificação da experiência religiosa: "a revelação se dá não pela saturação sensível, mas por uma forma de despojamento que abre espaço para o absolutamente Outro".

A pastoral da escuta aprende dessa pedagogia do silêncio. Quando alguém chega marcado por dores antigas, por culpas não nomeadas ou por perguntas sem resposta, não cabe impor conceitos, fórmulas espirituais ou explicações rígidas. Lévinas (1982, p. 15) insiste que o encontro com o outro exige antes de tudo "uma escuta responsável, que se deixa interpelar sem querer reduzir o outro ao Mesmo". No campo pastoral, essa ética se concretiza como atitude de abertura: o outro deve encontrar um espaço no qual possa existir sem pressões, justificativas ou coerções.

O silêncio, nesse horizonte, representa hospitalidade, ao contrário de omissão. Ele cria uma moldura onde a palavra pode emergir sem violência e onde o sentido amadurece no ritmo do próprio sujeito. Ricoeur (1990, p. 132) descreve esse processo como uma "gestação do sentido", no qual a interpretação não é ato de força, mas ato de paciência. A palavra pastoral, quando chega, não deve interromper essa gestação; deve apenas acompanhá-la.

Por isso, a ausência torna-se um território espiritual. Não é vazio estéril, mas abertura fecunda onde o mistério se insinua. Marion (2012, p. 77), refletindo sobre a fenomenologia da doação, afirma que Deus "se dá precisamente ocupando o menor espaço possível, deixando que sua presença se manifeste como discreta saturação". O aparente vazio é, portanto, plenitude em forma de promessa.

A pastoral da escuta assume, assim, que a ausência não é falha na comunicação divina nem fragilidade da pessoa que busca ajuda. A ausência é campo onde a presença encontra seu modo mais delicado e mais verdadeiro de se oferecer. Ela preserva a dignidade do sujeito, honra seu tempo interno e permite que, pouco a pouco, uma palavra nova – teológica, existencial, afetiva –, encontre terreno para brotar.

A revelação que se retira, que se insinua mais do que se impõe, ensina que a fé amadurece não pela acumulação de evidências, mas pela capacidade de sustentar o intervalo onde Deus parece não falar. A tradição cristã compreendeu cedo que esse intervalo não é falho, mas método. Teresa de Ávila (2002, p. 119), descrevendo o "trato de amizade" com Deus, afirma que muitas vezes Ele se cala para "alargar o desejo e purificar o amor". O silêncio, portanto, não é deserto afetivo, mas pedagogia espiritual: é nele que a pessoa aprende a distinguir entre o que deseja de Deus e quem Deus realmente é.

No âmbito pastoral, essa compreensão transforma profundamente o modo como se acompanha o sofrimento. O silêncio que acompanha a dor não deve ser imediatamente preenchido por respostas. Weil (1982, p. 18) já sugeria que "a atenção é a forma mais pura e mais rara de generosidade"; aplicar essa máxima à escuta pastoral significa renunciar à tentação de interpretar rapidamente aquilo que ainda não encontrou forma. A atenção silenciosa permite que a ferida seja dita quando puder ser dita – e não antes. Nesse sentido, o silêncio não apenas acolhe; ele protege.

Além disso, a ausência divina, longe de ser experimentada como vazio de sentido, pode abrir no sujeito um espaço de reconfiguração interior. Rahner (1978, p. 54) observa que "o ser humano é o ouvinte da Palavra porque é constituído por uma abertura infinita". Essa abertura não é um estado de plenitude, mas de incompletude radical. Na pastoral da escuta, reconhecer essa incompletude significa olhar para a pessoa não em busca de coerência imediata, mas como alguém cujo sentido ainda está por nascer.

Por fim, quando a ausência é acolhida como parte da dinâmica da fé, o ministério pastoral deixa de oferecer respostas que sufocam o mistério e passa a favorecer um encontro no qual Deus se revela precisamente por não ser possuído. O "Deus que se esconde" (*Is* 45,15) não é ausência absoluta, mas presença desarmada, que se recusa a se impor. A escuta pastoral, ao imitar essa delicadeza divina, torna-se ela mesma sacramento: gesto simples e invisível no qual a graça se comunica sem espetáculo, quase sempre na forma de um silêncio compartilhado.

O rosto do outro e a responsabilidade pastoral

A escuta pastoral inicia-se no reconhecimento do rosto, não do rosto biográfico, mas daquele que interpela e convoca. O rosto, tal como compreendido por Lévinas (1982, p. 15), não é simples aparência, mas exigência ética: "o rosto do outro me ordena, antes mesmo de qualquer palavra, que eu não o abandone à sua solidão". A alteridade não é objeto de interpretação, mas acontecimento. Ela nos desinstala porque nos expõe, obrigando-nos a sair dos mecanismos de proteção e das categorias prontas que normalmente utilizamos para compreender o mundo. No encontro pastoral, esse movimento é ainda mais radical, pois não se trata apenas de acolher o discurso do outro, mas sua vulnerabilidade, sua história ferida, sua esperança enfraquecida.

Reduzir o sofrimento de alguém a esquemas doutrinários ou a diagnósticos rápidos é trair o compromisso pastoral, pois o rosto é singularidade absoluta. Como lembra Ricoeur (1990, p. 140), "não se interpreta um ser humano da mesma forma que se interpreta um texto; a interpretação do outro exige solicitude". A hermenêutica da escuta recusa tanto a pressa de compreender quanto a tentação de explicar. Interpretar rapidamente aquilo que ainda está em gestação na alma é, muitas vezes, uma forma sutil de violência, pois força o outro a caber em categorias que não lhe pertencem. A pastoral autêntica exige despojamento – uma *kenosis* interior – para que o outro possa emergir tal como é, e não tal como esperamos que seja.

Stein, refletindo sobre a empatia, observa que o encontro verdadeiro acontece quando permitimos que o outro seja um mistério para nós. "A empatia não captura o outro; ela apenas toca sua superfície mais acessível, preservando o núcleo inviolável de sua interioridade" (Stein, 2000, p. 89). Esse respeito à opacidade do outro é fundamental para a escuta pastoral: não compreender tudo não é fracasso, mas reverência. É reconhecimento de que a alma humana não se entrega à força, mas à confiança.

A hospitalidade, nesse contexto, não é metáfora, mas atitude espiritual concreta. Receber alguém em sua dor é abrir espaço dentro de si, suportar sua instabilidade, suas hesitações, seus

silêncios. Como afirma Marion (2012, p. 77), "o outro chega sempre em excesso, ultrapassando minha capacidade de recebê-lo; ele sobrevém como um fenômeno saturado". A escuta pastoral é, portanto, uma forma de acolher esse excesso sem tentar reduzi-lo, aproximando-se dele com humildade e disponibilidade.

Escutar o outro é, de certo modo, escutar Deus, pois a Palavra se encarna na vida concreta. A tradição cristã sempre reconheceu que Deus fala também através da vulnerabilidade humana. Para João da Cruz (2002, p. 212), "onde não há amor, coloque amor e encontrarás Deus". A escuta pastoral é exatamente isso: colocar amor onde há dor, paciência onde há confusão, silêncio onde há ruído. Trata-se de uma teologia vivida no ritmo da fragilidade humana. A encarnação ensina que Deus não se comunica apenas nos altos discursos, mas nos encontros simples, nos rostos marcados pelo sofrimento, nos gestos pequenos que afirmam: "eu estou aqui".

Por isso, a escuta pastoral ultrapassa o campo da técnica e se torna evento teológico. Ela permite que o outro exista sem ser capturado por nossas interpretações, e permite que Deus se manifeste na delicadeza do encontro. Escutar, nesse sentido, não é apenas ouvir com atenção; é uma forma de adoração. É reconhecer que a graça se dá de modo discreto e que, muitas vezes, o que há de mais divino na vida acontece por meio de uma escuta silenciosa, profunda e responsável.

A escuta pastoral também implica reconhecer que o sofrimento do outro tem uma historicidade própria, e que cada palavra dita carrega camadas de significado acumuladas ao longo de anos. Como observa Guardini (1995, p. 63), "a alma humana desenvolve-se em estratos que não se deixam acessar de uma vez; aproximamo-nos deles por círculos sucessivos". Isso significa que o pastor ou acompanhante espiritual não pode forçar revelações, mas deve acompanhar o desdobramento gradual do sentido. Essa paciência hermenêutica é, ao mesmo tempo, um ato de humildade e de fé: humildade diante da complexidade da vida humana; fé na ação silenciosa de Deus que age, mesmo quando nada parece acontecer.

Ao mesmo tempo, é preciso compreender que a escuta pastoral é um lugar de transformação recíproca. Stein ressalta que todo encontro genuíno nos modifica, mesmo quando acreditamos apenas "acompanhar" o outro (Stein, 2000, p. 104). O pastor que escuta com verdade sai diferente do que entrou; não por absorver o sofrimento alheio de maneira imprudente, mas por reconhecer que cada rosto contém uma centelha de revelação. Assim como o discípulo no caminho de Emaús não reconhece o Ressuscitado de imediato, também o pastor aprende a discernir a presença divina que se esconde nos gestos mínimos, na palavra sussurrada, na lágrima interrompida.

Além disso, a escuta pastoral deve estar sempre protegida do risco da manipulação espiritual. Quando alguém sofre, está particularmente vulnerável a discursos que prometem respostas fáceis, soluções imediatas ou interpretações que simplificam a realidade. O teólogo e psicoterapeuta Carlos Domínguez Morano adverte que "o sofrimento humano exige presença, não explicação" (Morano, 2010, p. 57). Uma escuta pastoral madura reconhece esse princípio e evita ocupar o lugar de quem "sabe" o que o outro deve fazer. Em vez disso, sustenta um espaço de liberdade no qual a pessoa pode reencontrar sua própria voz, e nela, eventualmente, ouvir a voz de Deus.

Por fim, a escuta pastoral se torna caminho de esperança. Não a esperança ilusória, que nega o peso da dor, mas a esperança bíblica, que nasce justamente quando a noite é mais escura. Balthasar (1991, p. 88) afirma que "a verdadeira esperança é sempre pascal: atravessa a noite porque sabe que a aurora existe". Na prática pastoral, isso significa acompanhar o outro até o ponto em que ele possa vislumbrar uma nova possibilidade de vida, ainda que mínima, ainda que frágil. A escuta torna-se, então, um gesto pascal: ajuda a pessoa a atravessar sua noite, não por atalhos, mas pela

fidelidade do acompanhamento. É assim que o rosto ferido – antes marcado apenas pela dor – começa a brilhar novamente como epifania.

Silêncio, fragmento e cuidado: uma práxis pastoral

O silêncio possui função própria na prática pastoral. Ele não representa ausência de comunicação, mas condição para que o não-dito encontre lugar. Em uma cultura saturada de discursos, a pastoral precisa recuperar o valor teológico do silêncio como "linguagem primeira do mistério" (Nancy, 2007, p. 41). O silêncio não é mero intervalo entre palavras, mas atmosfera espiritual na qual o espírito humano pode finalmente respirar sem ser pressionado a produzir sentido. Marion (2012, p. 103) afirma que, na experiência espiritual, "o silêncio não é vazio, mas excesso – excesso de doação que nenhuma palavra consegue conter". Dessa forma, o silêncio pastoral não é retração, mas disponibilidade: uma abertura que permite que algo novo se manifeste.

O acompanhamento espiritual depende justamente dessa disposição para sustentar o não-saber e aceitar que algumas dores só amadurecem quando não são nomeadas precocemente. Teresa de Lisieux (2010, p. 54) escrevia que Deus "fala no coração quando cessamos de querer explicar tudo". O silêncio pastoral, então, não infantiliza a pessoa que sofre, mas devolve-lhe dignidade, oferecendo-lhe um espaço onde possa dizer – ou não dizer – aquilo que a alma ainda não consegue formular. É um silêncio ativo, carregado de presença, no qual o acompanhante espiritual se coloca como testemunha de um processo interior que não lhe pertence.

Na direção pastoral, o silêncio funciona como discernimento. Ele impede que o pastor projete suas próprias ansiedades sobre o outro e permite que a voz do Espírito, sempre discreta, encontre passagem. Como recorda Guardini (1995, p. 78) "o silêncio é o solo onde a verdade repousa antes de ser dita". A fala pastoral que em*erge* desse solo torna-se mais humilde, menos intrusiva, mais enraizada na realidade do acompanhado. Assim, o silêncio não é um vazio a ser preenchido, mas preparação da terra para que a semente da palavra possa realmente frutificar.

Mesmo na escuta clínica, o silêncio desempenha papel semelhante, Fuchs (2018, p. 91) destaca que, no processo terapêutico, "é no silêncio compartilhado que o sofrimento encontra contorno e que a narrativa interior começa a se reorganizar". Isso vale para a pastoral: o silêncio dá forma ao caos, organiza o indizível e protege o coração ferido de interpretações precipitadas. Ele oferece um território seguro onde a alma pode se expressar sem medo de ser interrompida ou julgada.

O fragmento

Grande parte das narrativas que chegam à pastoral são incompletas: memórias partidas, histórias sem fechamento, marcas que permanecem como ecos de experiências que ainda não encontraram linguagem. O fragmento, longe de ser obstáculo, é matéria espiritual legítima – talvez a forma mais honesta pela qual o sofrimento se apresenta. Ricoeur (1991, p. 32) observa que "a narrativa humana é sempre marcada por lacunas, rupturas e descontinuidades; o sentido se constrói apesar delas, e muitas vezes através delas". A pastoral da escuta precisa assumir essa lógica do fragmento, reconhecendo que a inteireza nunca é ponto de partida, mas, quando ocorre, é sempre fruto de um longo processo.

A tradição mística cristã também preserva um profundo respeito pelo fragmento. João da Cruz (2002, p. 178) descreve a alma ferida como "um tecido rasgado que Deus recompõe não de uma vez, mas fio por fio". As rupturas, para ele, não são vergonhas a serem escondidas, mas espaços

de visitação da graça. Na pastoral contemporânea, essa intuição é fundamental: o fragmento não deve ser corrigido, ajustado ou reorganizado segundo expectativas externas, mas acolhido como expressão autêntica do caminho interior daquela pessoa.

O cuidado pastoral, portanto, não intenta reconstruir linearidades artificiais. A busca frenética por coerência muitas vezes nasce mais da ansiedade do acompanhante do que da necessidade do acompanhado. Stein (2000, p. 112) adverte que toda tentativa de "costurar prematuramente a vida do outro" é uma forma de interferência indevida. A alma humana não é uma narrativa a ser editada, mas um campo sagrado onde os sentidos se desdobram no tempo próprio. A tarefa da pastoral não é ordenar o caos de uma só vez, mas caminhar ao lado de quem, pouco a pouco, descobre caminhos possíveis para articular seu mundo interior.

Acompanhar o sujeito em seu processo de reunir suas partes sem forçá-las exige delicadeza, paciência e uma profunda reverência. Balthasar (1991, p. 65) afirma que "Deus conduz cada alma pelo caminho que ela pode suportar, não pelo caminho que nós desejaríamos impor". Em outras palavras, reunir os fragmentos não é tarefa do pastor, mas obra de Deus, e a pastoral da escuta participa dessa obra não dirigindo-a, mas protegendo-a. O papel do acompanhante espiritual é oferecer um espaço onde os pedaços da narrativa possam surgir sem medo, onde o sujeito possa olhar para suas próprias rupturas com menos julgamento e mais esperança.

Assim, a pastoral do fragmento não é resignação, mas confiança: confiança de que, mesmo quando a vida se apresenta em pedaços, Deus habita cada um deles; confiança de que a cura não se dá pela eliminação das fraturas, mas pela descoberta de uma forma nova de existir que inclui, integra e ressignifica o que antes parecia impossível de carregar.

Essa hermenêutica do fragmento possui consequências pastorais concretas. Em contextos de mediação de conflitos comunitários, por exemplo, a escuta dos fragmentos narrativos impede que a pastoral reduza os sujeitos a posições rígidas ou culpabilizações simplificadoras. Em muitas situações eclesiais, familiares ou sociais, cada pessoa consegue expressar apenas partes dispersas de sua experiência, marcadas por ressentimentos, silêncios e memórias interrompidas. A pastoral da escuta reconhece justamente essa linguagem fragmentária como lugar legítimo de manifestação da verdade humana. Do mesmo modo, no acompanhamento de pessoas atravessadas por traumas, lutos ou experiências de violência espiritual, a escuta pastoral não exige coerência imediata nem linearidade narrativa, mas oferece um espaço seguro onde o sofrimento possa emergir gradualmente. Essa dinâmica também se torna fundamental em práticas coletivas de escuta, grupos pastorais, círculos comunitários e espaços eclesiais de partilha, nos quais a comunidade aprende a acolher não apenas discursos acabados, mas fragilidades, interrupções e experiências ainda em processo de elaboração. A hermenêutica do fragmento torna-se, assim, uma práxis eclesial de hospitalidade diante da complexidade da experiência humana.

Vulnerabilidade como espaço teológico

A vulnerabilidade – tanto da pessoa que busca ajuda quanto de quem escuta – torna-se lugar de encontro. A relação pastoral só se torna verdadeiramente fecunda quando ambas as partes abandonam a ilusão de autossuficiência. Como lembra Nouwen (1979, p. 88), "somos todos curadores feridos; é a nossa própria ferida que nos capacita a acolher a do outro". Não se trata de expor fragilidades de forma indiscriminada, mas de reconhecer que o encontro pastoral não opera pela força, mas pela transparência humana. O outro não precisa de um especialista inacessível, mas de alguém cuja humanidade permita que a dele próprio se revele.

Pastorear não é exercer poder, mas reconhecer fragilidades compartilhadas. A autoridade pastoral, na verdade, não nasce da superioridade, mas da capacidade de ser testemunha: testemunha da dor, da espera, da graça que age discretamente. Rahner (1978, p. 112), observa que "o ser humano só se torna verdadeiramente pastor quando aprende que também ele precisa ser conduzido". Essa consciência impede que o ministério pastoral se transforme em dominação espiritual ou em direção moralizante. A fragilidade compartilhada funciona como antídoto contra a tentação do clericalismo e abre um caminho de parceria espiritual.

A pastoral não se faz a partir de cima, mas de dentro. Não é um gesto de superioridade vertical, mas uma proximidade horizontal que respeita o ritmo do outro. Guardini descreve essa postura como "a arte de caminhar ao lado, sem invadir, e de sustentar, sem carregar no lugar do outro" (Guardini, 1995, p. 102). O pastor não assume o lugar de quem resolve problemas, mas de quem permanece. Essa permanência – discreta, estável, fiel – constitui a base da confiança que permite que a vulnerabilidade se torne caminho e não ameaça.

Por fim, reconhecer a vulnerabilidade implica admitir que é justamente nesse espaço desprotegido que Deus se deixa encontrar. Balthasar (1986, p. 74) afirma que "o amor divino se revela de modo mais pleno não na força, mas na kenosis". Na pastoral, isso significa que a fragilidade não é obstáculo à graça: é condição para que ela apareça. O encontro pastoral torna-se, assim, um sacramento silencioso da vulnerabilidade compartilhada – uma experiência em que dois seres humanos, ambos feridos e ambos em busca, descobrem que a luz de Deus não incide apenas sobre as certezas, mas sobretudo sobre as fissuras.

A palavra como gesto de cura

A escuta abre caminho para a palavra certa: aquela que não fecha o sentido prematuramente, que não moraliza a dor, que não invade. A palavra que nasce de uma escuta autêntica não é resposta automática, mas fruto de discernimento. Ricoeur (1995, p. 214). afirma que "a palavra justa é aquela que surge depois de longa paciência, quando já não pretende dominar o sentido, mas servi-lo". Em outras palavras, a palavra pastoral não se precipita sobre a dor do outro; ela espera o momento em que possa verdadeiramente tocar sem ferir. Trata-se de uma palavra que respeita o processo interior, que se deixa moldar pelo silêncio compartilhado e pelo ritmo da alma ferida.

Uma palavra pastoral é sempre um gesto de cuidado. Não basta que seja verdadeira; precisa ser boa. A tradição cristã sempre reconheceu o peso ético da palavra: "a boca fala do que o coração está cheio" (*Lc* 6,45). Por isso, a palavra pastoral não pode ser mera transmissão de doutrina – ela deve ser expressão de compaixão. Stein (2000, p. 147) lembra que "a palavra que cura não é a que descreve a dor, mas a que abre espaço para que o sujeito a atravesse com dignidade". A palavra pastoral opera como companhia, não como diagnóstico. Ela não substitui o caminho da pessoa, mas a acompanha, iluminando discretamente o próximo passo.

Balthasar (1986, p. 52) acrescenta que a palavra verdadeiramente cristã é sempre kenótica, isto é, "uma palavra que renuncia a impor-se e, por isso mesmo, torna-se portadora de revelação". A teologia pastoral deve aprender dessa lógica: uma palavra que se impõe fecha caminhos; uma palavra que se doa abre horizontes. Quando o pastor fala com humildade e verdade, sua palavra não pesa sobre o acompanhado, mas o levanta. Ela tem a leveza da promessa, e não o peso da cobrança.

Por fim, a palavra pastoral é gesto porque ela se faz corpo: tom, presença, ritmo, olhar. Carmelo (2009, p. 93) observa que "às vezes, mais do que a palavra dita, cura o modo como ela é dita". Na pastoral, isso significa que a comunicação não é apenas verbal, mas integral. Uma palavra

dita com acolhimento traz vida; a mesma palavra, dita com impaciência, oprime. Por isso, a palavra pastoral é sempre extensão da escuta. Quando nasce de uma escuta sincera, torna-se bênção; quando nasce de uma necessidade de controle, torna-se peso. Ela é gesto de cuidado porque traduz em linguagem humana aquilo que a escuta já reconheceu como sagrado: a dignidade do sofrimento do outro.

A pastoral da escuta na contemporaneidade

A cultura contemporânea é ruidosa, acelerada e marcada pela rigidez dos discursos. Vivemos cercados por falas que se sobrepõem, por opiniões que se impõem com violência, por certezas que se afirmam com estridência. Nesse ambiente saturado, a pastoral e a teologia só terão relevância se forem capazes de oferecer o que o mundo já não sabe mais sustentar: uma escuta verdadeiramente qualificada. Han (2015, p. 52) observa que "a sociedade do cansaço é uma sociedade sem silêncio; e sem silêncio não há sentido". O papel da pastoral, portanto, não é competir com o ruído, mas criar brechas de profundidade onde a existência possa respirar.

A hermenêutica da escuta pode transformar profundamente a prática pastoral, especialmente onde a palavra humana encontra os seus limites. No acompanhamento de enlutados, por exemplo, o silêncio e a presença tornam-se mais eloquentes do que qualquer explicação teológica. Como afirma Fuchs (2018, p. 104), "o sofrimento do luto não pede respostas, mas testemunhas". Ao lado de famílias feridas, a escuta permite que a dor seja dita sem temor, que o vínculo seja reconstruído a partir do reconhecimento mútuo. Na mediação de conflitos comunitários, ela impede que a violência simbólica avance, pois devolve às partes o direito de serem ouvidas – direito tantas vezes negado. Em contextos de crise existencial, sobretudo entre jovens, a escuta abre caminhos onde antes só havia angústia ou confusão. E diante de vítimas de violência emocional, psicológica ou espiritual, a escuta é o primeiro gesto de restituição da dignidade: um espaço seguro onde o trauma pode finalmente encontrar morada.

Escutar não é apenas ouvir. Ouvir é fisiológico; escutar é ético. Escutar é reconhecer o outro como sujeito de promessa, mesmo quando seu discurso é hesitante, fragmentado ou contraditório. Lévinas (1982, p. 28) recorda que "o outro me precede pela sua vulnerabilidade", e é essa precedência que a pastoral deve honrar. Uma escuta qualificada não exige linearidade, clareza ou coerência imediata. Pelo contrário: ela sabe que a verdade humana, sobretudo a verdade ferida, se diz aos poucos, por aproximações sucessivas, por lampejos, por gestos e silêncios. Ricoeur (1990, p. 157) chama essa dinâmica de "poética da fragilidade", na qual o sentido se revela de forma indireta, simbólica, sempre incompleta, mas profundamente verdadeira.

No coração dessa prática, está a convicção de que cada vida, mesmo partida, mesmo confusa, carrega uma promessa que ainda não foi totalmente dita. Escutar é vigiar essa promessa; é guardar o que no outro ainda está nascendo. É permitir que, em meio ao ruído esmagador do mundo, uma voz frágil encontre espaço para dizer o que nunca pôde ser dito. Escutar é, enfim, participar da própria obra de Deus, que continua a falar não nas tempestades, mas no fino silêncio em que a alma, finalmente, ousa existir.

Considerações Finais

A reflexão desenvolvida neste artigo mostra que a pastoral da escuta não é mero complemento à ação evangelizadora, mas um de seus núcleos mais profundos. Ao investigar o

silêncio, o fragmento e a vulnerabilidade como lugares de manifestação do mistério, percebe-se que a escuta não atua apenas no nível psicológico ou comunicativo, mas no nível propriamente teológico: escutar é permitir que Deus passe pela vida do outro. Como sintetizado nesse mesmo artigo, "a ausência torna-se um território espiritual... não é vazio estéril, mas abertura fecunda onde o mistério se insinua".

Ao adotar essa perspectiva, a pastoral desloca-se de um modelo centrado na transmissão de conteúdo para uma prática enraizada na responsabilidade, na delicadeza e na hospitalidade. A escuta revela-se como gesto pascal: acompanha o outro em sua noite, não para apressar a aurora, mas para permanecer ao seu lado até que ela venha. Nesse sentido, a hermenêutica da escuta transcende as fronteiras da teologia sistemática e alcança a experiência concreta de fé, tornando-se lugar onde Deus e o humano se encontram sem violência.

Assim, a pastoral da escuta proposta aqui deseja recuperar o caráter encarnado da teologia. Não se trata de substituir a palavra, mas de permitir que ela nasça no tempo certo – como fruto de silêncio, de discernimento e de cuidado. Nesse movimento, a Igreja reencontra uma de suas vocações mais antigas: ser espaço de acolhimento para vidas partidas, ser presença fiel diante da dor, ser sinal de esperança para aqueles que só conseguem falar pelos fragmentos. A teologia da escuta, portanto, não é apenas reflexão: é caminho espiritual, gesto ético e forma concreta de participar da própria obra de Deus, que continua a falar no fino silêncio onde o sentido começa a nascer.

Referências

Balthasar, H. U. von. *A Forma Teológica*. Madrid: Encuentro, 1986.

Balthasar, H. U. von. *Teodramática I*: Prolegômenos. Madrid: Encuentro, 1991.

Bíblia de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

Brighenti, A. *A pastoral dá o que pensar*: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2006.

Brueggemann, W. *Sabbath as Resistance*: saying no to the culture of now. Louisville: Westminster John Knox, 2015.

Carmelo, H. *A arte da direção espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2009.

Cruz, J. *Obras Completas*. São Paulo: Loyola, 2002.

Fuchs, T. *Ecology of the brain*: the phenomenology and biology of the embodied mind. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Guardini, R. *O Senhor*. São Paulo: Paulus, 1995.

Han, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Lacoste, J.-Y. *Experience and the absolute*: disputed questions on the humanity of man. New York: Fordham University Press, 2004.

Lévinas, E. *Éthique et infini*. Paris: Fayard, 1982.

Marion, J.-L. *De surcroît*: études sur les phénomènes saturés. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

Morano, C. D. *Psicologia e experiência cristã*. São Paulo: Loyola, 2010.

Nancy, J.-L. *À escuta*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Nouwen, H. J. M. *The wounded healer*. New York: Image Books, 1979.

Rahner, K. *Experiência de Deus na vida de hoje*. São Paulo: Loyola, 1978.

Ricoeur, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

Schölem, G. *Major trends in jewish mysticism*. New York: Schocken Books, 1995.

Stein, E. *Sobre o problema da empatia*. Madrid: Trotta, 2000.

Teresa de Lisieux. *História de uma alma*. São Paulo: Paulinas, 2010.

Teresa de Ávila. *Livro da vida*. São Paulo: Loyola, 2002

Weil, S.; Bousquet, J. *Correspondance*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1982.